

Diálogos com a tradição: a arte de citar nos contos machadianos

Aldinida Medeiros¹

UFRN (Doutoranda em Literatura Comparada)

Palavras-chave: contos, relações intertextuais, citações, leitor.

Keywords: stories, intertextual relations, quotations, reader.

Machado de Assis é um mestre na arte das citações. Em permanente diálogo com a tradição literária ocidental, o «Bruxo do Cosme Velho»², como lhe chamavam alguns críticos de sua época, vai desde a Bíblia, um de seus livros favoritos, às ciências, com Pascal e Isaac Newton, além das constantes passagens pela mitologia clássica. Sendo romancista, poeta, teatrólogo, crítico literário, e fundador da Academia Brasileira de Letras, é o Machado de Assis contista que nos interessa neste pequeno estudo, a fim de observarmos algumas das muitas citações e alusões feitas pelo escritor ao longo de muitos dos seus contos, «porque os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas» (Gotlib, 1985: 77).

«A Arca» é um conto de total paródia às Sagradas Escrituras; também em relação aos textos bíblicos há o conto «Adão e Eva», publicado em 1885 na *Gazeta de Notícias* e posteriormente compilado em *Várias Histórias*. Em diversas passagens de outros textos, encontram-se também citações bíblicas ou subversões destas. «Mas nem só de pão

¹ Doutoranda acolhida pela CAPES.

² Um livro escrito por Marta de Senna em 2000, *O olhar Obliquo do Bruxo*, explica esta expressão de tratamento não como um depreciativo, mas como uma forma de exaltar o escritor carioca. Numa reunião de dez ensaios, a autora vai além de determinar as influências, explicando que Machado estava consciente da sua «família literária». Além disto, põe a obra de Machado em diálogo com as obras de outros autores, alguns dos quais nem sequer mencionados por ele, como Dostoiévski, por exemplo.

vive o homem. Você fala de Marta e eu de Maria» (Machado de Assis, 1962: 329) é, por exemplo, um trecho dito pelo narrador de «O Anel de Polícrates».

Convém ressaltar que a intenção deste trabalho não é a da análise do texto. Ainda que sejam mananciais férteis a serem explorados e analisados, interessa-nos aqui trabalhar o aspecto das alusões e menções a autores, personagens e figuras históricas, nomeadamente da tradição literária ocidental, tão bem articuladas por Machado de Assis.

Antes de mais, faz-se necessário retomarmos em alguns aspectos o romance considerado o divisor de águas da obra machadiana. No célebre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no prólogo intitulado «Ao leitor», é o próprio autor – o defunto – quem define o narrador de sua obra, nomeando-lhe «um autor particular». Iniciando dessa maneira, fica logo o seu método de escrever esclarecido ao leitor, numa definição que classifica suas memórias como uma «obra difusa». É, de certo modo, como se ele estivesse justificando o seu estilo ímpar de escrever: «Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo» (Machado de Assis, 1997: 12). Essa configuração de um estilo ímpar serve também para ratificar a adjetivação feita, anteriormente, sobre a particularidade de sua autoria e abre espaço para suscitar um enfoque: desde logo o narrador deste romance deixa mostras ao leitor de suas leituras e dos seus conhecimentos sobre literatura.

Certamente, a voz de Brás Cubas anuncia, nas *Memórias Póstumas*, uma verdade que extrapola o mundo ficcional machadiano: trata-se de um narrador excepcional. Isto porque trata-se também de um escritor excepcional; afirmação que recebe a concordância de inúmeros críticos. Onde podemos inferir que, proposital ou involuntariamente, Machado utiliza a voz de Brás para justificar a sua própria escritura³, nomeando seu estilo como «ímpar». Semelhante procedimento aparece em «A Teoria do Medalhão», um conto satírico que remete à ironia filosófica dos relatos curtos de Voltaire. Alfredo Bosi afirma que «[...] “guardadas as proporções”, o mestre compara ao *Príncipe* de Maquiavel. Ser medalhão é atingir a plenitude do vazio interior que estava nas dobras da teoria da normalidade do finado Dr. Bacamarte» (Bosi, 1982: 444).

Pode ser este procedimento uma maneira de mostrar ao leitor a sua erudição, visto que ele cita inúmeros autores e faz referências a assuntos diversos, sempre numa vasta gama de relações intertextuais. Contudo, seja esta ou não a intenção autoral, o facto é que o leitor de Machado de Assis vê-se obrigado a buscar o sentido de tantas alusões a outras referências da literatura – e também à arte em geral – no decorrer de seus

³ Adotamos o termo conforme o conceito utilizado por Leyla Perrone-Moisés em *Texto, Crítica, Escritura*. (Vide bibliografia).

textos. Este recurso, caríssimo à narrativa machadiana, constitui-se uma de suas marcas indelévels não só nos romances, mas também nos contos⁴.

No volume *Contos esparsos*, editado pela Civilização Brasileira, em 1956, encontramos, no «Prefácio», escrito pelo organizador R. Magalhães Júnior, uma observação ao modo machadiano de citar. O interesse do organizador é apontar a autoria de vários contos esparsos – daí o título do livro – que Machado teria escrito em diversos jornais sob pseudônimos. E como argumento para atestar a autoria, ele menciona o estilo machadiano das citações e textos que eram freqüentemente utilizados pelo autor carioca:

Está o conto cheio de citações literárias. Apresenta, inclusive, a interpolação de versos em francês, como «Questão de vaidade», [...] «O pai», etc. Acresce que os versos em francês são de Molière! Mas não é só. A primeira parte do conto é escrita sob forma autobiográfica. E aí diz o autor: «Sobre a mesa tenho duas pilhas de livros. De um lado a Bíblia e Pascal, do outro Alfredo de Vigny e Lamartine». (Magalhães Júnior, 1956: 6)

Destacamos que Magalhães cita o próprio escritor carioca a fim de legitimar aquilo que argumenta. Em comprovação ao que diz o organizador de *Contos Esparsos*, buscamos exemplos em outros contos – estes todos assinados com a devida autoria – nos quais o estilo de Machado de Assis emprega as marcas visíveis da citação ou alusão. Portanto,

Em sua obra, a citação/alusão é um dispositivo narrativo como outro qualquer, que utiliza com total domínio técnico-artístico. Irônico, culto, conciso discreto, «clássico» Machado de Assis teve, entre outros inúmeros méritos como escritor, este de incorporar na sua ficção os textos dos escritores que leu. (Senna, 2008)

Pensando, pois, nas inúmeras citações ou alusões machadianas como um recurso intertextual, lembramos que, para compreendermos as relações intertextuais de uma determinada obra, é necessário aceitarmos que a leitura de um determinado texto literário realiza-se não apenas como uma soma confusa e superficial de influências, mas como sendo o trabalho de transformação e assimilação de vários textos pelo leitor que opera as conexões além dos limites do tempo e do contexto de cada obra. Desse modo, aceita-se que «[...] todo texto se constrói como mosaicos de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto. [...] a linguagem poética pode ser lida com inúmeras possibilidades se significação» (Kristeva, 1974: 74).

⁴ Convém esclarecer que os contos citados neste artigo são todos do vol. I das *Obras Completas de Machado de Assis* (vide bibliografia), datada a publicação de 1962. Algum que porventura – como «Anjo Gabriel» – apareça com data de 1956, pertence ao volume *Contos Esparsos* (vide bibliografia) e foram publicados sob pseudônimos.

Concordando com o pensamento de Kristeva, é pertinente lembrar que atitude da escrita – e por conseguinte a da leitura – é, via de regra, uma atitude ativa de apropriação, pois um livro sempre remeterá a outros livros.

Somente Adão mítico desbravou, com seu primeiro discurso, um mundo ainda verbalmente não-dito e pôde evitar totalmente a relação dialógica com vistas ao discurso do outro. Isto jamais ocorreu com o discurso concreto e histórico, que não pode se estruturar de um único modo nem se dirigir a um único ponto. (Bakhtin, 1998: 102)

Este é o pensamento de Mikhail Bakhtin, para quem um texto é voz que dialoga com outros textos, mas também funciona como eco das vozes de seu tempo, da história de um grupo social, de seus valores, crenças, ou seja, é uma obra que encontra-se completamente situada pelo seu contexto, embora dialogue com obras de contextos outros.

Ao ler Machado de Assis – e aqui referimo-nos apenas a alguns dos contos machadianos –, percebe-se de imediato o quanto este autor trabalha em seus textos um nível erudito de citações e referências, de modo que podemos constatar, através das relações intertextuais, um discurso dialógico. Em seu estilo narrativo utiliza-se de recursos como a alegoria, a simbologia a ironia, a multiperspectiva, dentre outros. Entretanto, todos estes recursos fazem parte de uma constante espiral de intertextualidade. Esta, também voltada para o exterior do signo, alia-se, na escrita machadiana à

[...] interdisciplinaridade como movimento interno de configuração do próprio signo literário, o que aponta para a existência, na criação literária, de autores que são pensados como verdadeiros precursores de sistematizações em diversas áreas do conhecimento. (Barbosa, 1990: 26-27)

de modo a operar o texto requerendo, quase sempre, aos leitores uma infinidade de conexões intertextuais de diversificada tipologia.

Pensando nesse mundo de conexões presentes no texto machadiano, Antônio Cândido, no livro *Vários Escritos*, explica, no ensaio «Esquema de Machado de Assis», que grande parte dos críticos perdem o que há de mais significativo nos seus textos por procurarem sempre as relações com a biografia, dimensionando para menor o papel de uma análise sociológica que pode ser aplicada a toda a obra.

Ao que diz o crítico Antonio Candido, acrescentamos, de acordo com o pensamento de Senna (2008) que este aspecto da abrangência e complexidade das citações e alusões feitas por Machado de Assis nos seus contos é um dos aspectos que tanto imprimem refinamento como também modernidade a sua obra. Para além disso, as relações de intertextualidade, no que concerne à proximidade da escritura de Machado com os autores ingleses Fielding e Sterne, segundo Senna (2008), não é bem observada pela

crítica literária brasileira Há ainda, pela via da intertextualidade, relações que nos fazem pressupor a influência de Dostoiévski sobre o romancista brasileiro⁵.

Assim, de acordo com tudo o que até aqui expusemos, não é demasiado afirmar que os contos escritos por Machado de Assis, no grande conjunto de sua obra, têm a expressão de síntese daquilo que o escritor expõe nos romances da denominada segunda fase. Faz-se necessário, portanto, lembrar que a técnica narrativa machadiana é fruto de um amadurecimento intelectual constante e progressivo.

O Bruxo, de olhar oblíquo, possuía uma sólida leitura de obras literárias clássicas das literaturas inglesa, francesa, portuguesa, espanhola, alemã, russa e outras. Ele tinha um contato contínuo com a literatura universal, fato que explica a abundância de citações nas suas obras. Justamente por isso o conto machadiano recebe um conceito de conto-teoria, por parte de Alfredo Bosi:

Vejo nos contos maduros de Machado, [...] o risco em arabesco de «teorias», bizarras e paradoxais teorias, que afinal revelam o sentido das relações sociais mais comuns e atingem alguma coisa como a estrutura profunda das instituições. (Bosi, 1982: 441)

Essa conceituação de conto-teoria remete-nos para o que diz Nádía Gotlib acerca do gênero conto, ao apontar que este gênero necessita de muita elaboração por parte do autor, pois «[...] como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta intenção: a conquista do efeito único ou impressão total. Tudo provém de minucioso cálculo» (Gotlib, 1985: 34).

Ainda de acordo com Gotlib, é justamente por ser o conto a forma narrativa, em prosa, de menor extensão, em termos de tamanho, que se faz necessário para o escritor uma noção aguçada de síntese. A linguagem em que o conto é estruturado também deve ser objetiva, plástica e utilizar metáforas de curto efeito, de imediata compreensão para o leitor; não cabe no conto o mesmo imbricamento de linguagem pertinente à novela e ao romance. Por mais que contenha os mesmos componentes do romance, o conto é a arte da concisão, à medida que o compreendemos como o mais conciso dentro das narrativas de ficção. Já afirmou Júlio Cortázar, a quem parafraseamos aqui, que o conto está para a fotografia, assim como o romance para o filme cinematográfico. Se para um escritor desenvolver várias células no enredo de um romance ele conta com a questão da amplidão que o texto lhe permite, para o contista a situação é outra, é a de dizer muito em poucas linhas.

Machado de Assis imprime aos seus contos, assim como também aos romances da chamada segunda fase, um estilo de escrita peculiar que acaba por trazer marcas visí-

⁵ Vide Medeiros, Aldinida (2002). *Memórias Póstumas e Bobok: uma aproximação entre Machado de Assis e Dostoiévski*. UFRN, Natal.

veis. Destarte, é uma análise arguta a de Sônia Brayner sobre Machado de Assis ao dizer que «O conto tornou-se em suas mãos matéria dúctil, com fisionomia reconhecível, na qual [...] exercia a magia encantatória de suas variações sobre o tema predileto: a humanidade com seus vícios intemporais» (Brayner, 1981: 8).

O leitor atento vai encontrar no conto «A Igreja do Diabo» uma citação do mito do Doutor Fausto, de Goethe. Outra citação do famoso personagem de Goethe também está em «Um esqueleto»: Alberto ao narrar seus tempos de amizade com o Dr. Belém, comenta terem lido o *Fausto*: «O doutor estava como sempre. Líamos e comentávamos à nossa maneira o *Fausto*» (Machado de Assis, 1964: 819).

No conto metaliterário «A Mulher de Preto», em que um dos personagens escreve uma peça de teatro, logo de início as alusões são à Odisséia, na menção de Ulisses, Penélope, Telêmaco, Ítaca. São ainda mencionados por Machado de Assis os nomes do físico Newton, do filósofo Platão, do poeta Goethe e do pensador Torquato Tasso. Platão, aliás, é mencionado em vários outros contos machadianos, dentre os quais «O cônego ou metafísica do estilo». Da coletânea *Contos Fluminenses*, o texto «Miss Dollar» traz os nomes de Shakespeare⁶ e Tennyson, já com a indicação de que este segundo é um poeta, como se o narrador estivesse pressupondo um leitor desavisado. Lamartine, Camões, Gonçalves Dias e Longfellow também são nomes citados.

Em «A Sereníssima República», o escritor carioca utiliza «[...] a *philosophique* à maneira dos fabulistas e satíricos da literatura clássica. [...]. *De te fabula narratur*» (Bosi, 1982: 445). Desse modo, «[...] Quando o leitor percebe o jogo, a estranheza cede lugar ao riso do desmacarmento. Era o modo de trabalhar de Swift, por exemplo, nas *Aventuras de Gulliver*» (Bosi, 1982: 445).

O próprio Machado de Assis, ao apresentar a coletânea *Várias Histórias* cita Diderot em epígrafe, num texto intitulado «Advertência». Interessante perceber que a ironia machadiana não deixa escapar uma menção à questão tamanho *versus* qualidade dos contos. Para isso, num jogo dissimulado com o leitor, assume tamanha modéstia, comparando seus contos ao de Mérimée. Embora esteja advertindo o leitor de que seus contos não têm a mesma qualidade dos de Poe, ainda assim afirma, no seu refinado ceticismo, a superioridade do conto sobre o romance.

Não são feitos daquela matéria nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obra-prima e colocam os de Poe entre os primeiros da América. O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são mediocres: é serem curtos. (Machado de Assis, 1962: 476)

⁶ Shakespeare é indicado como a influência máxima de Machado de Assis no romance *Dom Casmurro*, pois além de Bento Santiago citar *Otelo*, grande parte dos críticos estudiosos da obra machadiana afirmam que Machado recebeu grande influência da leitura do bardo inglês para escrever o romance.

Desse modo, ousamos dizer: não é fácil ser leitor de Machado de Assis. Embora estejamos em tempos nos quais muito se recorre à intertextualidade, esta ferramenta intertextualidade requer, para que as referências sejam compreendidas, que autor e leitor compartilhem conhecimentos e leituras. Assim, é presumível que expectativa de Machado de Assis quanto ao seu leitor seja de muita erudição, pois o seu cabedal de citações – se assim podemos chamar – é vastíssimo. Por isso, afirma Brayner:

Saborear um texto machadiano não é uma tarefa «simples»: a leitura de reconstrução é complexa, pois envolve uma dupla decodificação – o que está sendo afirmado no nível da história e o que está sendo veiculado sobre um texto anterior na inversão quase sistemática proposta pelo autor. (Brayner, 1981: 14)

Também José Guilherme Merquior (1990), no ensaio *Machado em perspectiva*, escreve a respeito das citações na narrativa machadiana, confirmando que Machado realmente cita com abundância, mas que, entretanto, o faz de modo especial. Para além disso, em muitos casos estas citações são trabalhadas nos seus contos de modo a subvertê-las. Em nuances como esta é que Marta de Senna se apóia para confirmar, em seus estudos, que o diálogo dos textos de Machado com a tradição é extenso e apurado:

Bruxo ardiloso que se deleita na eterna surpresa do leitor ante a inesgotabilidade do que escreve, Machado de Assis cria esse narrador quase tão bruxo quanto ele, a propor-nos um desafio a cada leitura, o desafio de, a cada leitura, ainda ter embustes a desmascarar. (Senna, 2008)

Esta forma de narrar, buscando sempre desafiar os conhecimentos do leitor é algo que considerando a época em que Machado escreveu, traz pra a sua escrita, de facto, aspectos da modernidade. O que nos leva a afirmar que, seja nos romances, seja nos contos, o grande diálogo que se pode estabelecer com a narrativa machadiana está sempre a surpreender o leitor.

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail (1998). *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: UNESP/HUCITEC.
- BARBOSA, João Alexandre (1990). «Formas e história da crítica brasileira de 1870-1950». In *A leitura do Intervalo: Ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras.
- BOSI, Alfredo et al (1982). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática.
- BRAYNER, Sônia (1981). *O conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CANDIDO, Antonio. (1970). *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades.

- GOTLIB, Nádía (1985). *Teoria do conto*. São Paulo: Ática.
- KRISTEVA, Julia (1974). *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- MACHADO DE ASSIS, José Maria (1999). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 27^a ed. São Paulo: Ática.
- (1962). *Obra Completa: Conto e Teatro*. Vol.II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- MAGALHÃES JÚNIOR. R. (1956). (Org.). *Contos Esparsos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MERQUIOR, José Guilherme (1990). «Machado em perspectiva». In SOBRENOME (org.). *Crítica (1964-1989): ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MEDEIROS, Aldinida (2002). *Memórias Póstumas e Bobok: uma aproximação entre Machado de Assis e Dostoiévski*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- PERRONE-MOISÉS, Leila (1978). *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática.
- SENNA, Marta de (1998). *O olhar oblíquo do bruxo – ensaios em torno de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- (2008). *A retórica das citações: Machado de Assis e Rui Brabosa*. Disponível em < http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_MartaSenna_Retorica_citacoes_MachadoAssis_RuiBarbosa.pdf> Acesso em 26/Jul/2008.

Resumo: Diante das inúmeras relações intertextuais presentes nos contos machadianos, o leitor de Machado de Assis vê-se obrigado a buscar o sentido de tantas alusões a outras referências da literatura – e também à arte em geral – ao longo dos seus textos. Este recurso, caríssimo à narrativa machadiana constitui-se uma de suas marcas indelévels não só como romancista, mas também como contista. Mestre na arte das citações e em permanente diálogo com a tradição literária ocidental, o grande escritor carioca vai desde a Bíblia, um de seus livros favoritos, às ciências, com Pascal e Isaac Newton, além das constantes passagens pela mitologia clássica. Este artigo pretende explicitar um pouco destas relações presentes em alguns de seus contos.

Abstract: Given the numerous relations with other texts present in his short stories, the reader of Machado de Assis is forced to seek the sense of so many references to literature – and also to art in general – in the course of his texts. This key-feature which is very relevant in Machado's narrative is in itself one of its indelible marks that can be found both in his novels and short stories. Master in the art of quotation, often enacting a frequent dialogue with the Western literary tradition, Machado's references range from the Bible, one of his favourite books, to scientific writings, such as Pascal's and Isaac Newton's, in addition to passages from classical mythology. This article seeks to explain some of these relations which can be tracked down in some of his stories.